

BRINCAR DE ARTISTA

Alguma coisa está mudando ou já mudou, não sei bem o quê. Nasci, brincando de artista, na Rua Antônio Rocha e na *beira da praia* (saiba quem não é de São João del-Rei que as margens do Lenheiro eram denominadas *praia*). No Capitólio, assisti a filme do Tom Mix, no qual os cavalos corriam em silêncio e o abrir um bilhete de papel fazia mais barulho do que uma trovoadas. Depois vieram o Charles Starrett, o Roy Rogers, o Buck Jones, o Bill Elliot e outros tantos do segundo time. No primeiro havia o Henry Fonda, o Gary Cooper, o John Wayne, o Allan Ladd, o Kirk Douglas, o Glen Ford e uma lista interminável de grandes intérpretes. Fora aqueles que só dançavam, cantavam e trabalhavam em *filmes de amor* acredito que Hollywood inteira brincou de artista. A gurizada do meu tempo tinha revólveres de uma liga de chumbo, muito mal feitos, mas era o máximo, na época. Neles havia um dispositivo para colocar-se um rolinho de espoletas, que eram usadas com muita parcimônia; somente em ocasiões muito especiais pipocava-se um tirinho muito fajuto. Na ausência desse revólver industrializado, usavam-se os próprios dedos para disparar balas certeiras ou para prender o inimigo: *mãos ao alto! camôni boy!* Os mais crescidos dominavam técnicas avançadas na área do armamento, pois que podiam construir o *cuteco*, uma perigosa garrucha de carregar pela boca, feita de cano de cabo de guarda-chuva. A engenhoca era muito mais perigosa para o atirador do que para o alvo, fosse um arisco calango ou um inocente pardal. Reconheço que ninguém tinha educação ecológica. O *cuteco*, no entanto, era mais para ser mostrado do que para ser usado. *Eu tenho, você não tem*, era o jogo do poder. Possuir um *cuteco* era possuir uma bomba atômica,

equivalaria a dizer: *eu já sou grande, eu tenho força, não mexa comigo, me respeite...* Só sei que brinquei de artista, dando tiros com o dedo, com revólveres de papelão, de arame, de madeira e tive um *cuteco* que nem chegou a ser usado; custou-me uma boa tunda, tão logo ficou pronto e foi descoberto.

Mais tarde tive filho homem que também brincou de artista. Creio que não desfrutou dos mesmos rituais porque os tempos já eram outros. Não havia mais a turma da rua, de modo que ele brincava sozinho, apenas com a sua imaginação, construindo seus fortes para se defender dos índios apaches. Foi a geração da TV, do Rim-Tim-Tim, do Jerônimo e do Moleque Saci, faroestes de quinta categoria. Como pai, tive algum interesse pelo assunto, em busca de encontrar razões mais elaboradas para uma brincadeira quase em extinção. O polêmico e famoso educador escocês Alexander Sutherland Neill observou que *“crianças pequenas brincam de quadrilheiros com tiros e espadas de mentira. Muito antes da era do cinema as crianças brincavam de quadrilheiros. As histórias e os cinemas podem dar alguma direção a certa espécie de brinquedo, mas o que é fundamental neles está nos corações das crianças de todas as raças”*. Não gostei da tradução, nunca gostei da palavra quadrilheiro (sugere banditismo), muito menos mocinho (coisa de menino carioca, muito delicado pro meu gosto); aqui se brincava de artista, todos eram artistas. Outros educadores recomendavam que as crianças deveriam brincar de artista para que quando fossem adultas não resolvessem brincar de guerra de verdade — uma tese bastante interessante que tem boas razões para ser levada a sério. Enfim, especialistas já devem ter feito estudos comparados, de mestrado e doutorado, tudo de acordo com Freud, Jung, Adler e outras feras da psicanálise.

Noto, porém, que, de um tempo para cá, as coisas não estão dando certo. Destruíram (não sei quem) muitos dos nossos ritos de iniciação, destruíram a programação cultural que oferecia as oportunidades de as crianças inventarem suas modas. Talvez aí resida um bom motivo para tanto desacerto. As armas de brinquedo tornaram-se fantásticas; na forma, tornaram-se iguais às armas de verdade. Há quem as usa em assaltos, tamanha é a similaridade com o armamento real. Já fizeram até lei, proibindo a fabricação e a venda desses objetos. Outro dia, vi na televisão o caso de um menino que atirou com um revólver de brinquedo e a bolinha disparada pela tal arma ricocheteou na parede e voltou sobre seu olho esquerdo, danificando-o perigosamente. Pobrezinho ignorante, certamente nunca brincou de artista e nunca cavalgou num cabo de vassoura. Não me lembro de ninguém acidentado pelo perigoso *cuteco*. (Sei de um caso em que o *cuteco* deu um único tiro, arreventou-se, mas o atirador estava convenientemente protegido por uma velha lata de banha). Campanhas de desarmamento têm sido promovidas, incentivando os meninos a trocarem suas metralhadoras, espingardas e pistolas por outros brinquedos. Até os adultos estão promovendo campanhas antiarmas, como os estudantes da Faculdade de Direito da USP, visando ao combate da violência. Será que vai dar certo? Vejo que as armas aperfeiçoaram-se, as de mentira e as de verdade; as crianças de Angola entram para o exército aos dez anos de idade e atiram para matar, de verdade; judeus e palestinos engalfinham-se desde a maternidade, herdam os rancores dos pais e vivem explodindo mortíferas bombas; meninos das favelas empunham modernos fuzis a serviço dos traficantes de drogas. Ninguém tem mais tempo para brincar de artista quando, além de não haver bandidos, as balas eram somente e certamente disparadas pela

fantasia. Retirando os brinquedos das crianças e transformando-os em peças e circunstâncias verdadeiras, elas acabam procurando um substitutivo. Agora está na moda, entre os adolescentes, que provavelmente não foram artistas, brincar de fazer neném, cujas conseqüências são muito complicadas.

10.08.1997

Publicado na Tribuna Sanjoanense - 14.10.1997